41 edição
8/10/2021

BOLETIM

CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

A IMPORTÂNCIA DA CIÊNCIA PARA A DEFESA E VALORIZAÇÃO DA VIDA

Com o avanço da vacinação em todo o mundo - ainda que de forma desproporcional e desigual entre regiões ricas e pobres - perspectivas de retomada das atividades se abrem e intensas discussões sobre o futuro da humanidade pós-pandemia são realizadas.

Neste contexto, a ciência - com suas metodologias, experimentações, processos, etapas e descobertas - torna-se ainda mais fundamental para a manutenção da vida. Foram os estudos e pesquisas sobre a Covid que permitiram o desenvolvimento de diversas vacinas para o combate à pandemia.

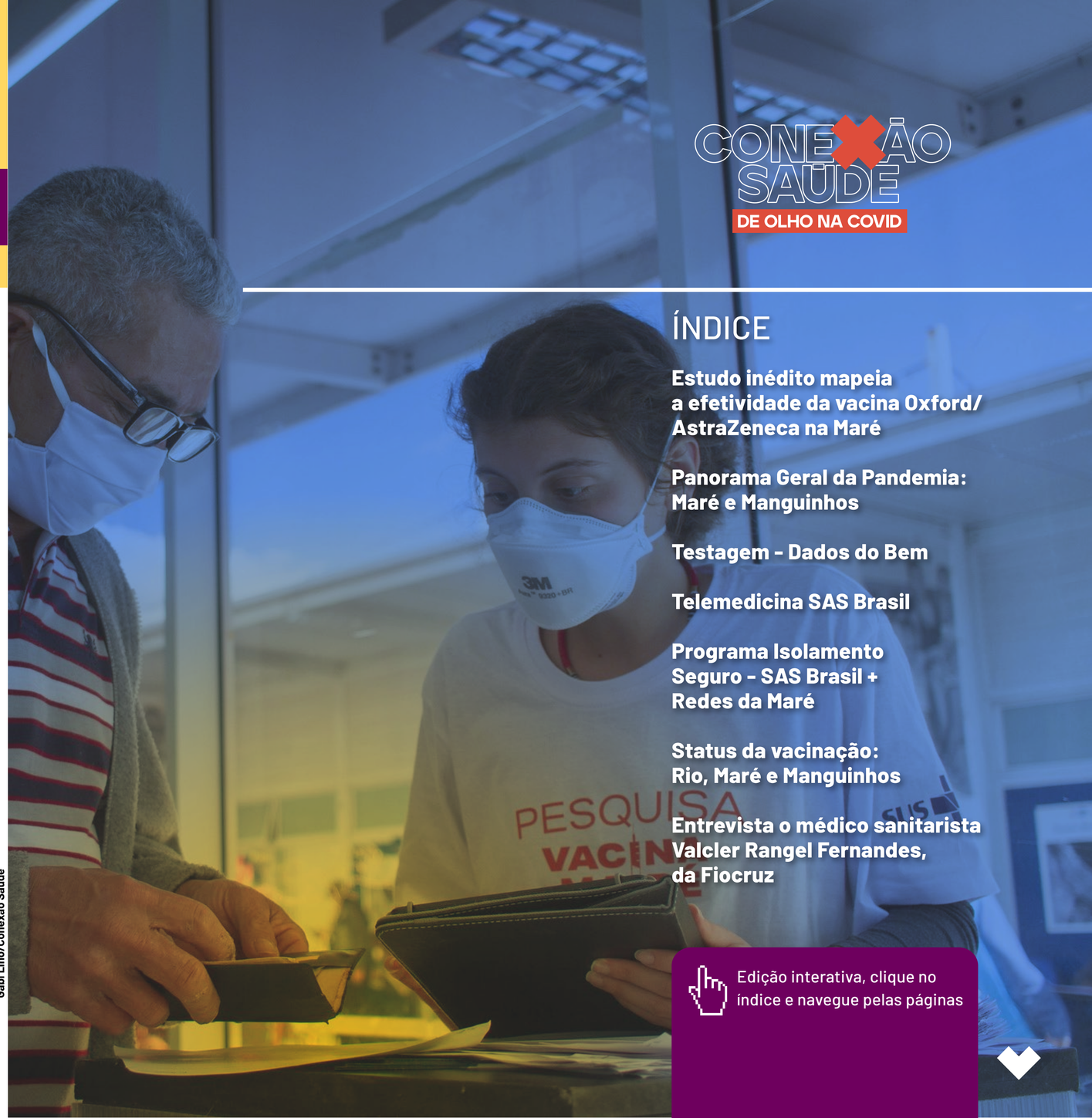
No entanto, ainda há muito o que se descobrir e entender sobre o novo coronavírus e suas variantes, sequelas da Covid-19, novas contaminações e efetividade da vacina, entre outras questões que demandam respostas cada vez mais precisas e complexas.

Conhecer a produção científica, compreender suas etapas e acompanhar os avanços se mostrou fundamental para a adesão da população à imunização em relação a Covid-19. Por isso, a importância do esforço de traduzir os termos e etapas científicas em uma comunicação que possa chegar a população em geral.

Esta edição do boletim Conexão Saúde - De Olho no Corona vai ao encontro desta visão e apresenta, de forma didática, o processo de pesquisa que a Fiocruz lidera na Maré sobre a efetividade da vacina e como ela protege a população de forma coletiva e individual. O estudo é realizado juntamente com a Redes da Maré e a Secretaria Municipal de Saúde.

Para destacar a importância da proximidade da ciência com a população, fala da relação histórica entre a Fiocruz e os territórios periféricos - tanto urbanos quanto rurais - e relembrar conquistas e ações que deram condições para que o estudo da Fiocruz fosse realizado na Maré, entrevistamos Valcler Rangel, médico sanitarista e Assessor de Relações Institucionais da Fiocruz

Boa leitura!



Gabi Lino/Conexão Saúde

CONEXÃO SAÚDE
DE OLHO NA COVID

ÍNDICE

Estudo inédito mapeia a efetividade da vacina Oxford/ AstraZeneca na Maré

Panorama Geral da Pandemia: Maré e Manguinhos

Testagem - Dados do Bem

Telemedicina SAS Brasil

Programa Isolamento Seguro - SAS Brasil + Redes da Maré

Status da vacinação: Rio, Maré e Manguinhos

Entrevista o médico sanitarista Valcler Rangel Fernandes, da Fiocruz

Edição interativa, clique no índice e navegue pelas páginas

CIENTISTAS NA LINHA DE FRENTE NO COMBATE À COVID-19

A pandemia de Covid-19 terá impactos sem precedentes e ainda não dimensionados sobre a sociedade a nível global. Apesar do mundo já ter vivenciado outros períodos históricos marcados por epidemias, o coronavírus se desenvolve em um cenário muito maior de integração entre países, divisão do trabalho e densidade populacional em relação às outras experiências já vivenciadas pela humanidade.

Independente dos avanços das pesquisas desenvolvidas ao longo de um ano e meio de pandemia, as informações e conhecimentos sobre o comportamento do vírus ainda são preliminares. Os estudos em torno das mutações e surgimento de novas variantes, do potencial de transmissão, das sequelas no organismo dos que foram infectados e da efetividade das vacinas se complementam e fornecem novas peças para montar esse grande quebra-cabeças ainda em construção. Por isso, a produção científica é fundamental e determinante para melhor compreender o vírus, suas consequências e buscar soluções.

Gabi Lino/Conexão Saúde

A partir dos esforços de pesquisadores e cientistas do Brasil e do mundo, foi possível desenvolver vacinas em um período recorde, seguindo rigorosos protocolos, sequência de testes e estudos. Segundo a Fiocruz, os ensaios clínicos para desenvolvimento de novas vacinas levam em torno de 10 a 15 anos pelos procedimentos clássicos. No entanto, a complexidade e emergência da pandemia, demandaram uma aceleração dos estudos e circulação das vacinas, já que essas se apresentam como única alternativa eficaz de combate à grande letalidade produzida pelo novo coronavírus.

Os estudos de eficácia da vacina estão atualmente na fase que avalia o sucesso das vacinas aprovadas contra a Covid-19 na população, a chamada fase 4. A conclusão dessas pesquisas tem previsão de pelo menos dois anos para resultados sólidos, no entanto, já começam a apresentar respostas significativas, inclusive no Brasil, onde os dados evidenciam uma diminuição significativa e progressiva de óbitos da população vacinada.

FASES DOS ENSAIOS CLÍNICOS

FASE 1 A vacina em estudo é administrada a um pequeno número de pessoas (frequentemente varia de 10 a 100 participantes de pesquisa) para testar a segurança e a dose, além de avaliar a sua capacidade inicial em estimular o sistema imunológico.

FASE 2 A vacina é administrada em centenas de pessoas (frequentemente varia de 100 a 1000 participantes de pesquisa) para obter mais dados sobre segurança, bem como avaliar a capacidade da vacina de estimular o sistema imunológico (eficácia).

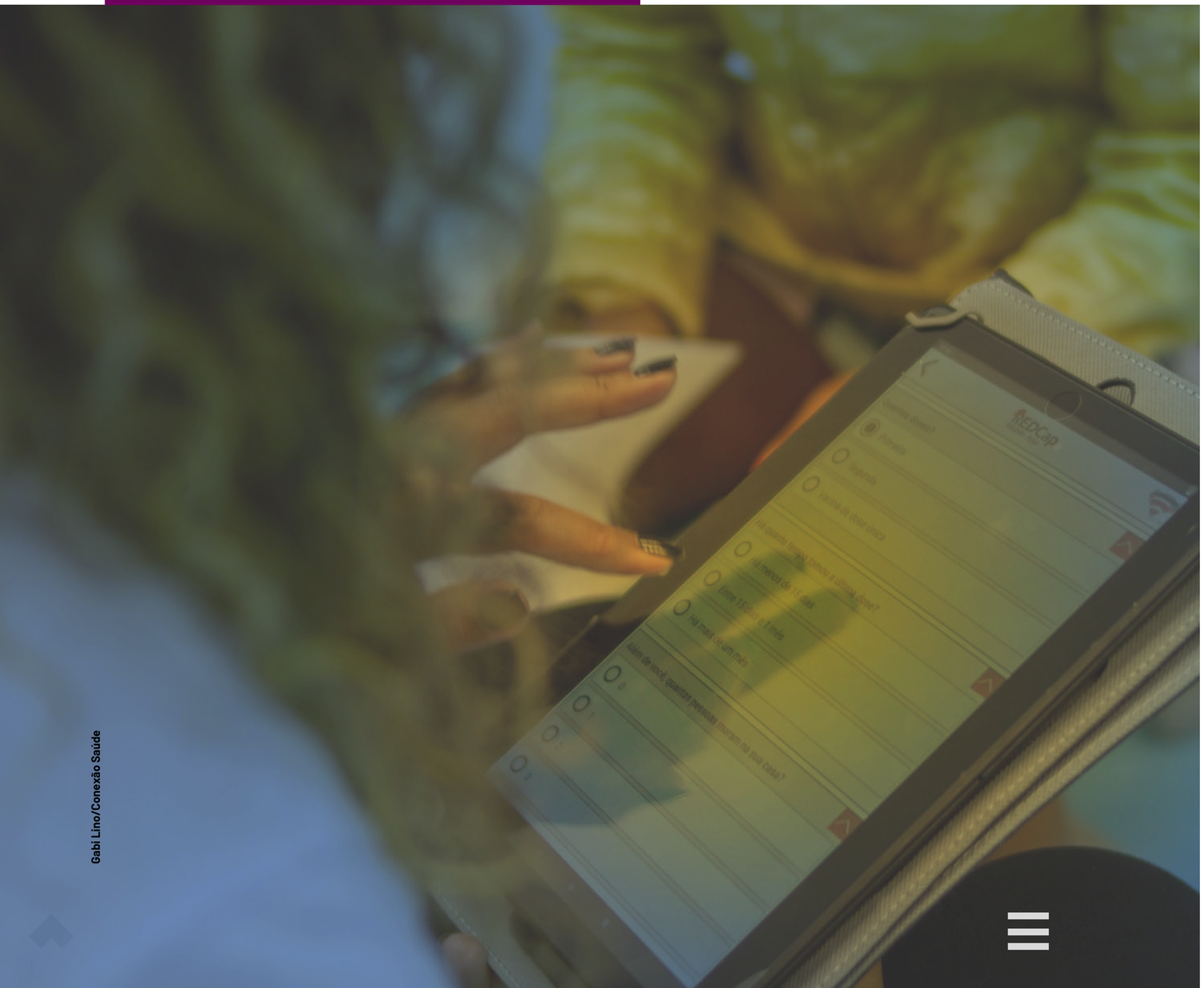
FASE 3 A vacina é administrada a milhares de pessoas (frequentemente mais de 1.000), visando confirmar a sua eficácia e conhecer mais dados sobre reações adversas em grupos variados de indivíduos (crianças e idosos, por exemplo). Estes testes podem determinar se a vacina protege contra o vírus da Covid-19.

FASE 4 Testes de resultados após aplicação na população. Centenas de milhares a milhões de pessoas.

Douglas Lopes/Redes da Maré

Em diferentes regiões do Brasil, como **Botucatu (SP)**, **Viana (ES)** e **Paquetá (RJ)** estão sendo desenvolvidos estudos de efetividade da vacina, isto é, está sendo feita uma avaliação do funcionamento no mundo real. Eles combinam vacinação em massa, acompanhamento da resposta imune e sequenciamento genético do novo coronavírus.

Similar a estas prévias experiências, iniciou-se uma série de estudos no conjunto de favelas da Maré, liderado pela Fiocruz, sobre o impacto da vacinação da Covid-19 em sua população. A iniciativa é uma colaboração entre a Redes da Maré e a Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Saúde. Tendo em vista as peculiaridades presentes em territórios de favelas e periferias, o estudo propõe um olhar central para a efetividade direta das vacinas na proteção contra o vírus e suas variantes, mas possibilita também avaliar outras dimensões do impacto da pandemia em um espaço como a Maré.



Gabi Lino/Conexão Saúde

ESTUDO INÉDITO MAPEIA A EFETIVIDADE DA VACINA OXFORD/ ASTRAZENECA NA MARÉ

O estudo sobre a efetividade da vacina Oxford/AstraZeneca liderado pela Fiocruz na Maré é baseado em dois pilares centrais: a vacinação em massa e a testagem em grande escala.

Desde de junho de 2020 o projeto "Conexão Saúde: de olho na Covid" vem executando diversas ações de mobilização, vigilância e cuidado em saúde, combinando serviços de testagem, telessaúde e isolamento domiciliar seguro com a comunicação estratégica no território - tornando-se referência no combate à pandemia em favelas.

O estudo que avalia a efetividade da vacina é um desdobramento deste processo e teve início no final do mês de agosto, juntamente com a campanha #VacinaMaré, que acelerou a primeira dose da vacina para a população adulta deste conjunto de favelas

CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

ESTUDO 1

O Estudo 1 trabalha com o desenho de teste negativo, caso-controle, para avaliar a efetividade da vacina AstraZeneca em reduzir o risco de infecção por Covid-19. Este estudo será feito por por meio do registro dos resultados do exame RT-PCR para SARS-CoV-2 de moradores da Maré que busquem a unidade de saúde e/ou centros de testagem de Covid-19 na Maré no período de Julho de 2021 a Janeiro de 2022.

Este estudo consiste na identificação de sintomáticos submetidos ao teste de RT-PCR que testaram positivo (caso) e negativo (controle) para a Covid-19. O resultado da testagem será cruzado com o monitoramento da situação vacinal e o desfecho do quadro, com sua classificação final de gravidade. A efetividade será medida comparando-se o risco de infecção confirmada por SARS-CoV-2 entre vacinados no grupo de intervenção e não vacinados no grupo controle. Desta forma, será possível calcular a proteção que a vacina está conferindo à população.

Além disso, por meio de busca ativa, as equipes do estudo também estão monitorando a testagem em três Unidades Básicas de Saúde da Maré: Adib Jatene, Augusto Boal e Diniz Batista. Todos os resultados positivos estão sendo encaminhados para realização de sequenciamento genético, a fim de identificar possíveis variantes do vírus e colaborar na vigilância genômica da região.

Gabi Lino/Conexão Saúde

Gabi Lino/Conexão Saúde

ESTUDO 2

O Estudo 2 é um estudo de coorte populacional de 2 mil famílias residentes na Maré, somando aproximadamente 8 mil indivíduos, com acompanhamento por 6 meses, para avaliação de soroprevalência, proporção de vacinados e ocorrência de casos. Diferente do Estudo 1, que agrega todos os moradores da Maré testados nas unidades de saúde e no centro de testagem da Maré, o Estudo 2 tem um escopo selecionado de participantes. Em linhas gerais, o estudo de coorte é um estudo observacional no qual os indivíduos são classificados (ou selecionados) segundo o status de exposição (expostos e não expostos), sendo acompanhados para avaliar a incidência da doença em determinado período de tempo.

O ESTUDO ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS FASES:

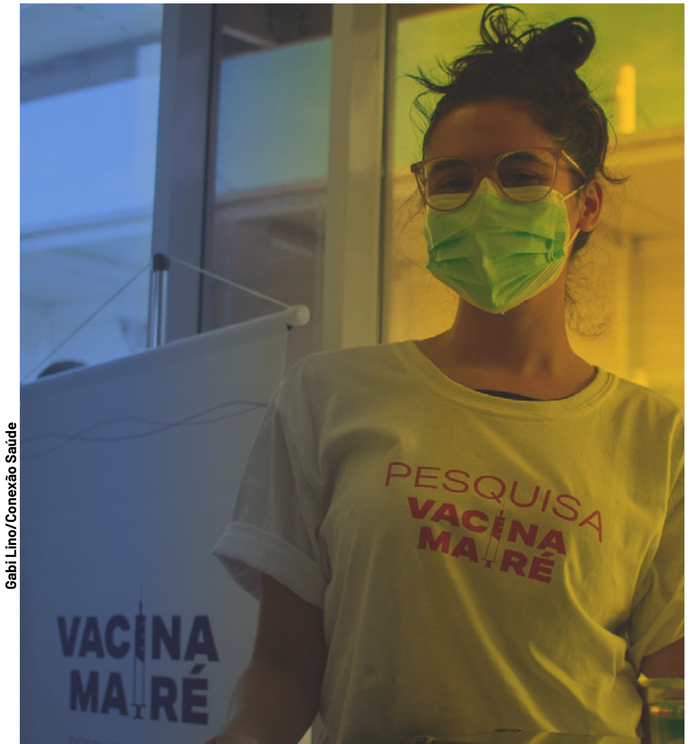
1. **BASELINE**
2. **Testagem em 3 meses após o início**
3. **Nova testagem 6 meses após o início**

A fase atual é de baseline, onde os profissionais envolvidos estão atuando para obtenção de dados dos moradores por meio de questionário (dados sociodemográficos) e inventário de saúde.

Está sendo feito o cadastramento de moradores voluntários para participar do estudo, sendo que parte foi selecionada durante a primeira fase da campanha Vacina Maré. O cadastramento continua e os moradores interessados estão sendo orientados a procurar os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) ou os articuladores da Redes da Maré.

CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

O processo de trabalho consiste em visitas domiciliares realizadas por um articulador territorial e uma agente comunitária de saúde às pessoas cadastradas. À medida que os moradores concordam em participar da pesquisa, a equipe aplica o questionário e realiza o teste sorológico em todos os integrantes da família, que serão acompanhados por um período de 6 meses e repetirão a testagem a cada trimestre para avaliação de prevalência.



Gabi Lino/Conexão Saúde

OS OBJETIVOS DO ESTUDO 2 SÃO:

[1] avaliar o efeito direto (efetividade) das estratégias de vacinação em uso no território da Maré contra a infecção por SARS-CoV-2 confirmada;

[2] estimar a proteção indireta (imunidade de rebanho) conferida pela vacinação da população;

[3] verificar a incidência de eventos adversos graves e de interesse especial após a vacinação contra a Covid-19;

[4] descrever a prevalência das variantes de SARS-CoV-2 nos casos incidentes no local do estudo e

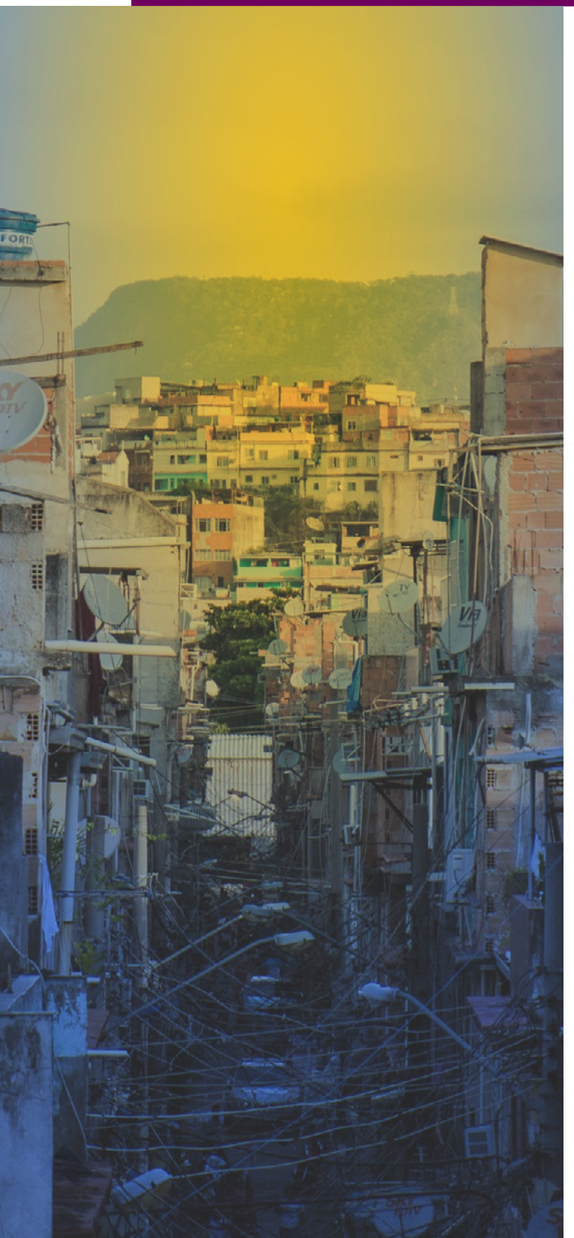
[5] descrever a epidemiologia da Covid-19 na área antes e durante o período do estudo.

Espera-se como primeiro resultado identificar a presença de anticorpos na população da Maré vacinada e analisar ao longo do período da pesquisa a durabilidade da imunidade adquirida.

Pesquisadores apontam que o TND (Test-Negative Design for Covid-19), base do Estudo 1 desenvolvido na Maré, oferece vantagens logísticas sobre outros desenhos de estudo (caso-controle e coorte) porque pode ser conduzido em países com sistemas de vigilância e registros médicos eletrônicos existentes, reduzindo custos e melhorando a eficiência. Essa afirmação chama atenção para a potencialidade do Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro.

A Vigilância em Saúde, um dos pilares do SUS, constitui um processo contínuo e sistemático de coleta, consolidação, análise e disseminação de dados sobre eventos relacionados à saúde, visando o planejamento e a implementação de medidas de saúde pública para a proteção da saúde da população, a prevenção e controle de riscos, agravos e doenças que qualificam os estudos no âmbito da saúde. Dessa forma, é importante reafirmar que tanto o planejamento quanto a execução dos estudos da efetividade da vacina Oxford/AstraZeneca na Maré só são possíveis por conta da articulação com a estrutura do SUS existente no território.

A metodologia de coorte, base do Estudo 2, também oferece vantagens importantes para o estudo. Destacamos a capacidade dos pesquisadores das coortes em estudo estarem livres para estudar mais de um desfecho. Sendo a unidade de observação o indivíduo, o acompanhamento permite detectar as mudanças que ocorreram em todos os participantes do estudo.



O LOCAL DO ESTUDO: CONJUNTO DE FAVELAS DA MARÉ

Segundo o Censo Maré (2013), o conjunto de favelas da Maré foi consolidado entre a década de 1940. Sua geografia é atravessada pela Baía de Guanabara e três importantes vias expressas da cidade do Rio de Janeiro: Linha Vermelha, Linha Amarela e Avenida Brasil. O conjunto formado por 16 favelas reúne em torno de 140 mil habitantes distribuídos em 47.758 domicílios que ocupam uma área de 4,3 km2.

Com essa configuração, a Maré é maior que 96,4% das cidades brasileiras, tendo o porte populacional de uma cidade média. Ainda segundo o Censo Maré (2013), a população do território é majoritariamente negra e feminina. No quesito gênero, mais de 50% dos moradores são mulheres e 62%, se declararam como pretos e pardos.

As diferentes formas de mobilização dos moradores e os processos de incidência política das instituições da sociedade civil que se organizam na Maré resultaram em uma série de políticas públicas de acesso à água, saneamento, educação, saúde, arte e cultura. Na Maré, por exemplo, existem 50 equipamentos públicos de educação que atendem mais de 16 mil crianças, número mais alto que algumas cidades inteiras.

No que tange ao acesso à saúde, a Maré conta com três Centros Municipais de Saúde e quatro Clínicas de Saúde da Família. No campo do atendimento de urgência e emergência, desde 2007 o bairro possui uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA). A Fiocruz teve um papel central na construção da estrutura inicial da atenção primária à saúde no território. Foi através de experiências e de programas de formação de agentes populares comunitários, que nos anos 80 se fortaleceu o debate da saúde pública como um direito.

Dentro deste contexto, a Maré se apresenta como um local com características peculiares, que reúne capacidade de rápida e intensa articulação e mobilização, com instituições, comunicadores, lideranças e equipamentos públicos engajados nas ações do território; densidade populacional e características de uma cidade brasileira de médio porte; resultados positivos e consistentes de enfrentamento à pandemia - a partir do projeto Conexão Saúde - De Olho na Covid; e população amplamente vacinada com uma dose de imunizante, com perspectiva de alcançar números expressivos na adesão à segunda dose, com a próxima etapa da campanha #VacinaMaré - sendo um território único para a realização da pesquisa liderada pela Fiocruz.

OUTROS ESTUDOS SOBRE EFETIVIDADE DA VACINA NO BRASIL

Destacamos três estudos sobre a efetividade da vacina AstraZeneca realizados no Brasil: em Viana (ES), Botucatu (SP) e Paquetá (RJ). Todos apresentam resultados preliminares sobre o desenvolvimento de anticorpos e diminuição de casos e óbitos entre a população vacinada.

O estudo de **Viana (ES)**, município da região metropolitana de Vitória, iniciado em junho de 2021, faz parte de uma parceria do governo do Espírito Santo com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tem o objetivo de avaliar a eficácia da meia dose de AstraZeneca em produzir anticorpos que tornem o vírus inofensivo ao organismo (neutralizante).

Já foram apresentados resultados preliminares do estudo. Na primeira fase, 19 mil pessoas entre 18 e 49 anos receberam a primeira dose da vacina em uma campanha de vacinação em massa e, 28 dias após a aplicação, nenhuma morte foi registrada no município.

A partir da análise em um grupo de cerca de 500 pessoas entre as mais de 19 mil vacinadas, foi possível identificar três resultados preliminares importantes:

[1] redução de 85% no número de casos notificados de Covid-19 (quando comparado o momento atual com o pico da pandemia em abril deste ano);

[2] 80% das pessoas que receberam a vacina adquiriram anticorpos suficientes para proteger o organismo do vírus e

[3] 88,3% das pessoas que não tinha anticorpos antes da vacina desenvolveram anticorpos em níveis protetores.

Novos resultados preliminares divulgados na última segunda (04/10), três meses após a aplicação da vacina, demonstram que a meia dose do imunizante induziu anticorpos em 99,8% dos participantes do estudo. A pesquisa segue com o acompanhamento da resposta imune dos voluntários seis meses e um ano após o recebimento do imunizante. Ressalta-se que, se a taxa de anticorpos cair ao longo do período, os participantes receberão doses de reforço.

Edu Kapps/SMS-Rio

Na **Ilha de Paquetá (RJ)**, o estudo iniciou com testagem em massa, três dias antes da campanha de vacinação, para identificar a presença de anticorpos. Cerca de 2.759 pessoas aderiram à testagem, o equivalente a 70% dos moradores da ilha. Para o estudo, os moradores foram divididos em três grupos: menores de 18 anos (necessariamente ainda não vacinados); maiores de 18 anos ainda não vacinados e maiores de 18 anos já vacinados.

Segundo a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, os primeiros resultados do estudo indicam que a vacina impactou em um nível satisfatório de proteção coletiva após a primeira dose.

Ao observar o grupo de pessoas que já tinham se vacinado antes da imunização em massa, foi possível observar 90% de soropositividade para os anticorpos contra o patógeno causador da Covid-19. Outro resultado importante divulgado pelo estudo é que 40% dos adultos e 21% das crianças e adolescentes que ainda não haviam se vacinado apresentaram anticorpos — o que, nesse caso, significa exposição ao vírus, já que esse grupo não foi imunizado pela vacinação.

Segundo os responsáveis pela pesquisa, os dados estão sendo revisados para a publicação de uma versão final, mas é possível adiantar que a vacina apresenta boa capacidade de criar anticorpos contra o vírus já na primeira dose. Apesar dos resultados preliminares serem positivos, os pesquisadores afirmam que o impacto efetivo do imunizante sobre os índices de casos e óbitos só poderá ser mensurado ao fim do estudo.

No estudo de **Botucatu (SP)**, segundo artigo publicado na revista da Fapesp em maio de 2021, quase 100% dos moradores entre 18 e 60 anos receberam a primeira dose da vacina AstraZeneca. A segunda dose foi aplicada aos 74 mil participantes da pesquisa em agosto e o objetivo do projeto é analisar a efetividade do imunizante e monitorar eventuais efeitos adversos. Além da vacinação, a pesquisa prevê testagem da população e sequenciamento genômico do vírus. A vacinação em massa no município é parte de um projeto de efetividade que está sendo conduzido pelo Ministério da Saúde e a Prefeitura de Botucatu, junto com a Universidade de Oxford, a Fiocruz, a Universidade Estadual Paulista (Unesp), o laboratório AstraZeneca, a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e a Fundação Bill e Melinda Gates.

Os resultados preliminares do estudo de Botucatu também mostraram efeitos positivos da imunização em massa. Segundo o Ministério da Saúde, após a aplicação da primeira dose da vacina AstraZeneca, o número de casos de Covid-19 no município caiu 80% e o número de internações pela doença, 86,7%. Os resultados finais do estudo estão previstos para fevereiro de 2022.

PANORAMA GERAL DA PANDEMIA:
MARÉ E MANGUINHOS

TESTAGEM - MARÉ

	Amostras para teste NO TOTAL ACUMULADO		Testes Positivos NO TOTAL ACUMULADO	Testes Positivos % DE POSITIVOS
PCR	28.076	PCR	3.685	13%
SOROLÓGICO	7.776	SOROLÓGICO	2.761	35%

TESTAGEM - MANGUINHOS

	Amostras para teste NO TOTAL ACUMULADO		Testes Positivos NO TOTAL ACUMULADO	Testes Positivos % DE POSITIVOS
PCR	5.474	PCR	781	15
SOROLÓGICO	663	SOROLÓGICO	166	25

TELEMEDICINA SAS BRASIL

Os atendimentos do SAS Brasil na Maré iniciaram em 3/7. Os dados abaixo foram coletados até 4/10.

MARÉ	MANGUINHOS
ATENDIMENTOS MÉDICOS 10.403	ATENDIMENTOS MÉDICOS 250
ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS 3.462	ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS 55
TOTAL DE ATENDIMENTOS 13.865	TOTAL DE ATENDIMENTOS 345

Gabi Lino/Conexão Saúde

STATUS DA VACINAÇÃO: **RIO, MARÉ E MANGUINHOS**

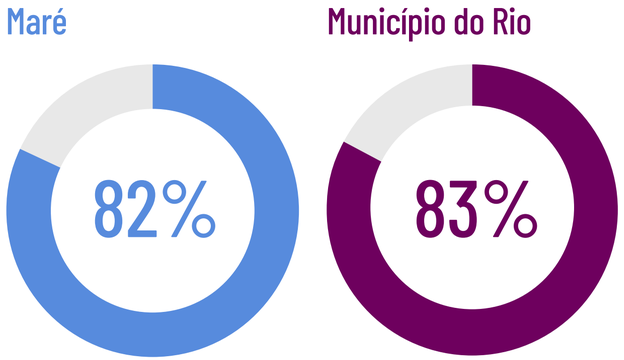
Um importante desdobramento do projeto Conexão Saúde: de olho na Covid-19 e o pontapé para os estudos da Fiocruz, foi a campanha #VacinaMaré, que acelerou a primeira dose da vacina para os adultos residentes no conjunto de favelas no mês de agosto e tem previsão da segunda fase, para aceleração da segunda dose da vacina no mês de outubro. A primeira fase da campanha atingiu 36 mil pessoas em quatro dias, contribuindo para um total de 155.173 doses aplicadas nas unidades de saúde da Maré desde o início da vacinação até o dia 30/09.

DOSES DA VACINA APLICADAS NAS UNIDADES DE SAÚDE DA MARÉ DO INÍCIO DA VACINAÇÃO ATÉ 30/09

UNIDADE	TOTAL DE DOSES
CF ADIB JATENE	28,382
CF AUGUSTO BOAL	25,200
CF DINIZ BATISTA DOS SANTOS	25,567
CF JEREMIAS MORAES DA SILVA	25,635
CMS AMERICO VELOSO	19,146
CMS JOAO CANDIDO	6,239
CMS VILA DO JOAO	25,004
Total	155,173

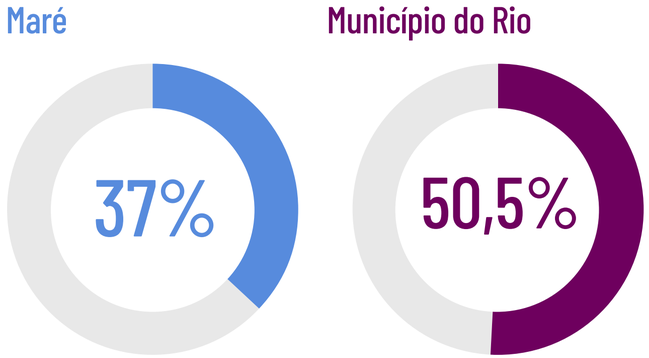
A cobertura vacinal da primeira dose até final de setembro tinha atingido cerca de 82% da população total da Maré, considerando todas as faixas etárias. Número próximo à capital, que atingiu 83% da população com a primeira dose da vacina. Em relação a imunização completa, considerando segunda dose ou dose única, esse número chegou a 37% da população adulta na Maré e 50,5% no município. A dose de reforço também começou a ser aplicada na Maré, destinadas a idosos com 77 anos ou mais, trabalhadores da saúde e profissionais da saúde com 60 anos ou mais, pessoas com alto grau de imunossupressão com 12 anos ou mais e pessoas com 60 anos ou mais que tomaram a segunda dose na cidade do Rio até 31 de março.

COBERTURA VACINAL DA PRIMEIRA DOSE



População total, considerando todas as faixas etárias

COBERTURA VACINAL IMUNIZAÇÃO COMPLETA

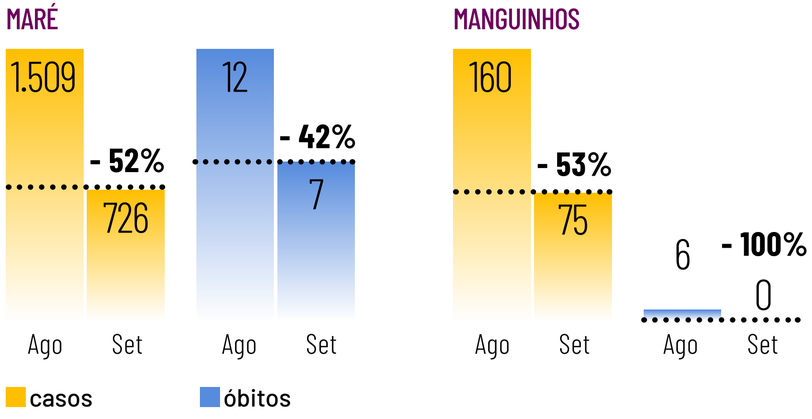


População adulta, pessoas com 18 anos ou mais

CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

Importante ressaltar que a população da Maré é composta por 31% de crianças e adolescentes e 23% de jovens de 18 a 23 anos, fato que impacta na cobertura vacinal, considerando o calendário de vacinação por faixa etária, sobretudo no que tange a segunda dose da vacina. Dessa forma, quando observamos a cobertura vacinal separadamente por faixa etária, é possível afirmar que 53% dos adultos da Maré já receberam a segunda dose, enquanto no município a cobertura é de 66% para a mesma faixa etária.

NOTIFICAÇÃO DE CASOS E ÓBITOS NA MARÉ E EM MANGUINHOS



DOSES DA VACINA APLICADAS NA MARÉ POR FAIXA ETÁRIA

FAIXA ETÁRIA	1ª DOSE	2ª DOSE OU DU	DOSE DE REFORÇO	POPULAÇÃO	ESQUEMA	
					Incompleto	Completo
<12	8	6	1	26,375	0.0%	0.0%
12-17	11,043	10	1	13,730	80.4%	0.1%
18-29	31,608	4,099	2	30,374	104.1%	13.5%
30-39	21,329	5,391	1	22,951	92.9%	23.5%
40-49	15,528	13,231	9	16,514	94.0%	80.1%
50-59	13,345	11,997	7	10,800	123.6%	111.1%
60+	13,678	13,229	650	9,026	151.5%	146.6%
Total	**106,539**	**47,963**	**671**	**129,770**	**82%**	**37%**

Com o avanço da vacinação é possível observar o reflexo nas notificações de casos e óbitos por Covid-19. No município do Rio de Janeiro, segundo o Painel Rio Covid-19, administrado pela Prefeitura, o mapa de risco apresenta status moderado em todos os bairros.

CASOS E ÓBITOS SEGUNDO O PAINEL RIO COVID-19 (ATÉ 3/10)

	CASOS	ÓBITOS
MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	484.596	34.116
MARÉ	9.411	373
MANGUINHOS	2.008	117

Ressalta-se que para o impacto na redução das notificações ser ainda maior é necessário que toda a população esteja com o esquema vacinal completo. Espera-se que 28% da população vacinada durante a campanha #VacinaMaré **retorne para a 2ª dose nos próximos dias (14,15 e 16 de outubro)**. Contudo, 6.813 moradores da Maré já deveriam ter retornado às unidades de saúde para receber a 2ª dose e ainda não fizeram.

"Fazer pesquisa não pode ser coisa de outro mundo. A busca pelo conhecimento é para todos!"

Reprodução

O médico sanitarista **Valcler Rangel Fernandes** tem uma relação de longa data com os territórios da Maré e de Manguinhos, vizinhos à Fiocruz. Ainda estudante, na década de 80, ele já frequentava estes locais, participando de programas de educação em saúde.

Hoje, como assessor de Assuntos Institucionais da Fiocruz e membro do Comitê Gestor do projeto Conexão Saúde – De Olho na Covid, Valcler está à frente de experiências pioneiras de combate à pandemia nestes territórios - não apenas no que se refere à saúde pública, mas também em relação à articulação e participação efetiva de atores e lideranças locais no processo.

Um ano e meio depois do início da maior crise sanitária já vivida globalmente pela humanidade, muitos desafios foram enfrentados. No caso da Maré, mesmo em um cenário difícil, respostas rápidas e acertadas ajudaram a diminuir óbitos e a tratar de forma inovadora e eficiente os casos confirmados de Covid-19.

Hoje, o maior conjunto de favelas do Rio de Janeiro sedia uma pesquisa pioneira liderada pela Fiocruz, em parceria com a Redes da Maré e a Secretaria Municipal de Saúde, para avaliar a efetividade da vacina AstraZeneca, monitorar variantes do coronavírus, estudar a imunidade de pessoas não vacinadas e entender as sequelas deixadas pela Covid-19, entre outras questões.

"A Maré reúne um conjunto de especificidades que não é fácil de encontrar em outros locais. Não fazer algo do ponto de vista da investigação científica neste território único seria um erro, seria perder uma oportunidade que dificilmente vai se repetir", diz.

Em entrevista exclusiva para o boletim *Conexão Saúde – De Olho no Corona*, ele fala da quebra de paradigmas que o estudo traz e da importância de desmistificar a ciência e valorizar saberes não convencionais. "Existe tanta gente capacitada e qualificada para participar dos estudos! São pessoas que têm curiosidade sobre novos assuntos, buscam novos conhecimentos, se engajam, se envolvem. Seria outro erro não valorizar este capital precioso", arremata.

CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

Para começar, você pode falar um pouco sobre esta relação histórica entre a Fiocruz e territórios periféricos, tanto urbanos quanto rurais, especialmente Maré e Manguinhos?

É uma relação que remonta à década de 80 e abrange desde territórios periféricos em cidades, como é o caso das favelas, mas também populações indígenas, por exemplo. No caso da Maré e de Manguinhos, somos vizinhos de território, há uma ligação muito grande, coisas que acontecem ali e afetam o dia-a-dia da Fiocruz, a vida dos funcionários.

Um exemplo foi o episódio tragicamente famoso dos helicópteros da polícia sobrevoando a Maré e atirando. Este momento nos afetou totalmente, eu mesmo participei do processo de evacuação do prédio da Fiocruz, foi uma coisa muito forte. Então não dá pra tapar os olhos para esta realidade. A Fiocruz tem se envolvido nestas questões do território, discutindo violência como questão de saúde pública inclusive.

Já na década de 80, a Fiocruz desenvolvia um trabalho de educação para saúde na Maré, ajudando a desenvolver mecanismos de participação da sociedade organizada em vários processos, em um momento de formação da democracia no País, pós-ditadura militar.

E como esta relação histórica desembocou na criação do projeto Conexão Saúde – De Olho na Covid na Maré e em Manguinhos?

Com a pandemia, a saúde passou a ser protagonista absoluta, prioridade como política pública nos territórios. Então não tinha como deixar de ser diferente: foi uma junção de expertises aliada a uma relação histórica para enfrentar um problema muito concreto e complexo.

A Fiocruz já estava com o projeto Se Liga no Corona!, de comunicação para territórios de favelas e periferias, e a aproximação foi muito orgânica, desdobrando na criação do Conexão Saúde e inclusive colocando a comunicação como um de seus pilares estratégicos.

O projeto inovou muito, trouxe resultados concretos e foi porta de entrada para alçarmos outros voos entre os parceiros. Foi muito importante esta presença no território, inclusive porque havia uma atuação muito fraca da Prefeitura naquele momento. A Secretaria Municipal de Saúde não respondia bem às propostas apresentadas nem apontava caminhos para a resolução de problemas muito urgentes.

E estamos vendo como é importante gestores que tomem decisões adequadas. Muita coisa só tem sido possível porque a Prefeitura mudou a postura em relação à pandemia e ao território.

Tudo isso em um território que, em tese, é mais difícil de atuar, sobretudo por conta da violência. Mas até neste ponto o estudo é uma quebra de paradigma. A dificuldade não pode ser impossibilidade e estamos mostrando que dá para operar de forma diferente.

Quase um ano e meio depois, outras inovações ocorreram. Desde a realização da campanha #VacinaMaré até a realização de um estudo inédito, liderado pela Fiocruz em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e a Redes da Maré no território...

Tivemos que responder aos desafios da pandemia a cada momento. Nesta construção, que a gente achava que ia durar três, quatro meses, e se prolongou muito mais, vimos a possibilidade de fazer uma pesquisa repleta de especificidades que só a Maré pode apresentar.

É um território de favela com adensamento populacional grande, são 140 mil habitantes em uma faixa muito estreita entre a avenida Brasil e a Linha Vermelha, que traz resultados importantes no combate à pandemia, fruto do Conexão Saúde, aliados à vacinação em massa...

Tudo isso em um território que, em tese, é mais difícil de atuar, sobretudo por conta da violência. Mas até neste ponto o estudo é uma quebra de paradigma. A dificuldade não pode ser impossibilidade e estamos mostrando que dá para operar de forma diferente.

O estudo tem uma característica importante, de mobilização e envolvimento de pessoas do território no processo. Pode falar um pouco sobre esta questão?

É de fato uma pesquisa que prioriza a interação com a população, o envolvimento de atores do território, o protagonismo de Agentes Comunitários de Saúde, das clínicas da família, das organizações locais e dos próprios moradores.

É uma forma de mostrar a importância da ciência no dia-a-dia, aproximar esta discussão, que normalmente fica muito distante. A pesquisa ajuda a trazer esta dimensão científica para o palpável. E as pessoas respondem muito bem, percebem que também podem fazer ciência de alguma forma. Não é coisa para iluminados.

Nosso estudo poderia ser de outro jeito? Sim. Há várias formas de se fazer uma pesquisa: a partir de dados secundários ou de observação, por exemplo. Mas fizemos esta escolha de trazer quem de fato vivencia a favela para participar do processo.

É um caminho mais arriscado, mais complexo, sem dúvida. Como faço pesquisa com engajamento? Como promover esta aproximação? Por detrás desta escolha está a crença de que a pesquisa não pode ser importante só para o pesquisador, para o grupo de pesquisa, para a instituição, para a universidade.

Ela tem que ser importante fundamentalmente para a população, para o morador, para o sistema público de saúde. Quando elementos de pesquisa, de dados científicos, são incorporados nos serviços, eles se qualificam, melhoram. É uma forma de devolver o conhecimento para a sociedade.

Por detrás desta escolha está a crença de que a pesquisa não pode ser importante só para o pesquisador, para o grupo de pesquisa, para a instituição, para a universidade.

Quero ressaltar um ponto da sua fala, de que a ciência não pode ser coisa para iluminados... Como ampliar este acesso, em um momento em que as informações e saberes científicos são colocados em xeque em todo o mundo e em especial no Brasil?

Quando o próprio ministro da Educação fala que a Universidade não é pra todo mundo, vemos que o cenário está de fato muito complexo. Eu contraponho este pensamento com outro: fazer ciência não pode se coisa de outro mundo. A busca pelo conhecimento é para todos. Não podemos ser vencidos por este pensamento medieval que emergiu nos últimos tempos.

Um exemplo é o papel dos Agentes Comunitários de Saúde no estudo da Maré. Entendemos que eles são elementos fundamentais para a qualificação da pesquisa. Eles têm um conhecimento dinâmico, vivo e específico do território. Existem questões que só eles podem trazer. São saberes diferenciados que precisam ser incorporados no estudo. Seria outro erro não fazer esta interlocução, não inseri-los de forma profunda neste processo.

CONEXÃO SAÚDE - DE OLHO NO CORONA

EXPEDIENTE

Conselho Editorial
Fernando Bozza - Dados do Bem
Pamela Lang – Fiocruz
Luna Arouca – Redes da Maré
Camila Barros - Redes da Maré
Sabine Zink – SAS Brasil
Ana Silva – Conexão Saúde Manguinhos
Eduardo Pádua - União Rio
André Lima - Conselho Comunitário de Manguinhos

Edição
Luciana Bento

Pesquisa e produção de conteúdo
Camila Barros e Amanda de Araujo Batista da Silva

Revisão
Camila Barros, Luna Arouca, Luciana Bento
e Amanda de Araujo Batista da Silva

Projeto gráfico e diagramação
Picto///•\\onster

Conteúdos para redes sociais
Jessica Pires e Luciana Bento

Artes para redes sociais
Robert Silva

REALIZAÇÃO:

redes da maré
CONEXÃO SAÚDE DE OLHO NA COVID
Conselho Comunitário de Manguinhos
DADOS DO BEM
Ministério da Saúde
FIOCRUZ Fundação Oswaldo Cruz
SAS
Rio PREFEITURA

APOIO:

HDRUK Health Data Research UK
ICODA International COVID-19 Data Alliance
PUC RIO

redesdamare.org.br/conexaosaude